



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

IVO ROSENO DE LIMA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: EXPECTATIVAS DE MUDANÇAS A
ACERCA DAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE CUITEGÍ/PB**

GUARABIRA – PB

2014

IVO ROSENO DE LIMA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: EXPECTATIVAS DE MUDANÇAS A
ACERCA DAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE CUITEGÍ/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola e Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Profº Edvaldo Carlos de Lima

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732e Lima, Ivo Roseno de
Educação do campo [manuscrito] : expectativas de mudanças
acerca das escolas do campo no município de Cuitegí/PB / Ivo
Roseno de Lima. - 2014.

33 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Edvaldo Carlos de Lima,
Departamento de Educação".

1. Campo. 2. Educação. 3. Cultura I. Título.

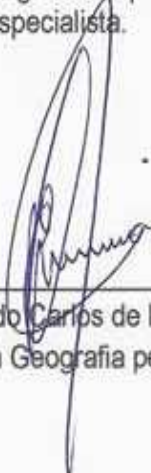
21. ed. CDD 370.19

IVO ROSENO DE LIMA

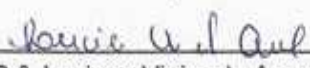
**EDUCAÇÃO DO CAMPO: Expectativas de mudanças acerca
das Escolas do Campo no município de Cuitégi/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola e Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.


Aprovado em: / /2014.



Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima UEPB/CH/DG
Dr.º em Geografia pela UFPE/Recife



Prof. Dr.ª Luciene Vieira de Arruda UEPB/CH/DG
Dr.ª em Agronomia /UFPB



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto/ UEPB/CH/DG
Dr.º em Sociologia UFPB

Vicente Claudino de Lima
Alaíde Roseno de Lima
Meus pais (In memória).

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao único Deus que é digno de receber a honra, a glória e o poder, o que me deu sabedoria, forças e fé a Ele toda minha gratidão, pois sendo tão grande usou de sua misericórdia comigo e me deu mais uma vitória para glorificar o seu nome eterno.

Agradeço a minha esposa Joana D'Arc que é a luz dos meus olhos nos momentos de aflições, que é minha amiga e companheira para todas as ocasiões, obrigado por existir. Agradeço também aos meus filhos Isis Emanuelli, Islan Emanuel, Igor Ewislan, que são bênçãos em minha vida que me encoraja para seguir em frente em qualquer luta.

Quero também externar meus agradecimentos ao professor Edvaldo Lima, pelas orientações, pela paciência e amizade para comigo, muito obrigado por tudo.

Agradeço a amiga Sâmara pela ajuda na elaboração desse trabalho, aos amigos de sala de aula pela força, aos meus alunos por confiarem em mim, em fim, agradeço a todos os professores que contribuíram para que alcançasse mais um degrau, minha sincera gratidão a todos.

RESUMO

As discussões acerca da educação no campo em nosso país, evidência uma crise na educação rural, desde a formação de seus professores a presença de alunos em sala de aula, diante dessa problemática, esse trabalho propõe uma reflexão a favor da educação do campo, tendo como objetivos encontrar subsídios em prol de uma educação de qualidade para aqueles que fazem do campo a sua moradia o seu local de trabalho e estudo. Para tanto foi necessário uma pesquisa em elaborada com o objetivo de com mais profundidade analisar como se encontra a educação do campo em tempos atuais. O nosso enfoque foi nas escolas do campo da cidade de Cuitegí-PB. foram realizadas pesquisas em seis escolas que defini-se como uma escola que insere em seu contexto a realidade do campo, para tanto realizamos uma entrevistas como seis professores atuantes nas escolas visitadas, a fim de realmente conhecermos o seu processo de ensino-aprendizagem. A educação do campo tem passado por inúmeras mudanças recorrentes as lutas e conquistas de alguns militantes, que não medem esforços para dá uma educação de qualidade para suas crianças, jovens e adultos. Este trabalho também faz ressalvas à formação continuada dos professores com o intuito de mostrarmos de fato se realmente traz alguma mudança no cotidiano dos alunos e dos professores e suscitamos questões acerca de tal problemática. Para nos respaldarmos teoricamente nos baseamos em Arroyo (2011), Caldart (2013) e Pinheiro (2011), ambos discutem sobre a educação no campo e defendem que ela seja de qualidade e que possa alcançar a todos os sujeitos que estão inseridos nessa sociedade, e que essa educação traga para dentro das salas de aulas o conhecimento a cultura e a realidade do camponês.

Palavras-chave: Campo; Educação; Cultura.

ABSTRACT

The discussions in the field of education in our country, evidence a crisis in rural education, from training their teachers the presence of students in the classroom, on this issue, this paper proposes a reflection for the education field , having how to find grants objectives towards a quality education for those who make their home field to their place of work and study. For this it was necessary to elaborate a research aiming at in more depth as it is rural education in current times, our focus was on the field schools of the city of Cuitegí -PB, surveys were conducted in six schools set itself as a school that inserts into context the reality of the field, so we conducted an interview like six teachers working in the schools visited, in order to really know the process of teaching and learning. The education field has undergone numerous changes recurring struggles and achievements of some militants, who spares no efforts to give quality education to their children, youth and adults. This work also makes exceptions to the continuing education of teachers in order to show in fact actually brings some change in the daily lives of students and teachers and have raised questions about such issues . To respaldarnos in theory we rely on Arroyo (2011) , Caldart (2013) and Pinheiro (2011) both discuss education in the field and argue that it is quality and you can reach all the subjects that are inserted therein, and that such education bring into the classroom the knowledge and reality of peasant culture .

Keywords : Field; Education; Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2. DOS MOVIMENTOS AGRÁRIOS A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	10
2.1 Educação do Campo.....	10
2.2 Um movimento educativo.....	12
2.3 A Escola do campo.....	14
3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO CAMPO.....	18
3.1 O significado da palavra professor.....	18
3.2 O professor do campo.....	20
3.3 O aluno da educação do campo.....	23
4 ANÁLISE DA PESQUISA.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6 REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Diante da tecnologia, das diversidades de saberes científicos, das informações que surgem a todo o momento em tempo real a educação deve estar andando lado a lado para que possa comprometer seus profissionais e seus alunos, porque a educação não é mais vista como outrora, o professor já não é mais o mesmo, em tempos atuais não se admite uma educação mecanizada que priorize apenas os livros, a educação de hoje revela-se como aquela que valoriza o conhecimento do aluno e agrega a valores pedagógicos intensificando a prática e o aprendizado na escola, tentando dessa forma fazer uma educação de qualidades e responsabilidades.

Ao falarmos em educação de qualidade e responsabilidade também remetemos a educação do campo, sendo esta por muitas vezes esquecida e desvalorizada, por fazer parte de uma comunidade que esta distante dos grandes centros, por sabermos que jamais a comunidade elitizada não vai estudar ou não irar colocar seu filho em uma escola do campo. São tantos os fatores que dificultam a aprendizagem no campo que nos pautamos em apenas estes: falta de recursos, professores mal capacitados, escolas em precariedade etc.

As políticas públicas devem esforçar-se para oferecer ao homem do campo uma educação de qualidade que esteja voltada para ele e porque não dizer, voltada para aquele que deseja entender e trabalhar para o campo, a escola rural deve ter uma educação diferenciada, para que a mesma possa atender as necessidades diárias desse povo, valorizando seus conhecimentos sua cultura e seu passado, lembrando que o campo não é um lugar atrasado como muitos pensam, mas um lugar onde se produz e é essencial na contribuição do desenvolvimento social.

Este trabalho estar voltado para a educação do campo, como acontece, quais as sua prioridades e a formação dos seus professores. Para o desenvolvimento desse trabalho foram colhidos depoimentos de seis professores de escolas distintas, com o intuito de entender como acontece a educação do campo em diferentes escolas. Também para nos respaldar recorreremos a literaturas especificas e estamos apoiados em Caldart (2013), Arroyo (2012), Pinheiro (2011), ambos vão nos situar sobre a condição da educação e do homem do campo na sociedade atual,

mostrando que a escola do campo já não deve ser uma escola de faz de conta, e nos revelando o lado pedagógico dos Movimentos Sociais.

Para uma melhor compreensão do nosso trabalho, optamos em organizá-lo da seguinte maneira: Inicialmente, abordaremos sobre o lado pedagógico dos Movimentos Agrários; posteriormente, trataremos sobre a formação do professor do campo; e, em seguida apresentamos a análise dos questionários que foram entregues aos professores da escola do campo na cidade de Cuitegí; e, por fim, as considerações finais a cerca da organização da escola do campo e seu desenvolvimento como também da formação de seus professores.

2. DOS MOVIMENTOS AGRARIOS A EDUCAÇÃO DO CAMPO.

2.1 Educação do Campo

Educação é sem sobras de dúvidas uma das maiores necessidades do homem, principalmente do homem atual, que vive em uma sociedade globalizada e dinâmica, que vem sendo marcado por grandes conflitos e mudanças repentinas. E para que tudo isso possa ser entendido é necessário que o homem possa ter uma educação, educação no sentido de aprender e ser capaz de desenvolver um senso crítico como o próprio léxico se refere, afirmando que a palavra educação significa ao “conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito”. É seguindo esse conceito que nós educadores tendemos a colocar a educação entre as maiores necessidades do homem.

A educação aqui no Brasil passou e passa por várias mudanças dentre elas podemos destacar a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), que nos garante maior respaldo e segurança em relação à educação como educadores, nos permiti responder e nos defendermos segundo a lei. Em meio as mudanças e avanços da nossa educação não seria diferente com a educação no campo, esta que alcança os alunos que de uma forma ou de outra estão impossibilitados de freqüentar as escolas na cidade.

Mas, na verdade o que é uma educação do campo? Esta é uma pergunta que frequentemente é usada por aqueles que têm seu olhar voltado para o campo, porque para nós compreender o que é essa educação é o passo mais importante para um educador, entender que ela não se faz de qualquer forma ou com qualquer sujeito, o que significa que não é aleatório nem arbitrário, para Caldart (2013, p.2) “o conceito de Educação do Campo tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere. Esta é a base concreta para discutimos o que é ou não é a Educação do Campo”.

Quando se pensa em educação do campo, logo remetemos a memória aquela escolinha de faz de conta, onde serve apenas para somar, serve somente como dados para um relatório, sempre temos essa impressão uma vez que isso não passa apenas de uma impressão, embora essa realidade venha sendo mudada gradativamente de maneira lenta, porém precisa, Arroyo (2012, p.16) ressalta que:

Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler.

Ao pesquisarmos a educação do campo não há como sonegar essa imagem criada e perdurada em nossas mentes em relação a escola planejada para os alunos do campo, sendo por demais necessária trazer a tona tal temática ao debate sócio econômico geopolítico, pois são muitos os alunos que sofrem com essa marginalização da educação rural criada pela elite que trazem consigo discursos prontos que não condizem com sua realidade, o que por sua vez trata a educação no campo como uma mera modalidade pedagógica que não merece muita atenção. Apesar de alguns avanços na educação no campo como a consciência crítica do educador, ela ainda é caracterizada pelo descaso e abandono do espaço escolar, Pinheiro (2011, p. 18) nos diz que:

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros. [...]

Enquanto as escolas ficam a mercê da falta de apoio dos governantes aqui no Brasil, os investimentos na área rural vem crescendo aceleradamente, formando assim um contraste entre a área produtiva e a educação, é observado que no campo tudo vai sendo inovado, porém a educação ainda continua com um modelo antigo de ensino sem recursos para o bom desenvolvimento dos alunos, Pinheiro (2011, p.25) ressalta que:

[...] inovaram: no maquinário, no aumento da produção de grão, nos agrotóxicos, alteração dos genes das sementes para exportação em larga escala. Mas os que têm usufruído desses avanços são pequenos grupos de latifundiários, empresários, banqueiros e políticos nacionais e internacionais. Enquanto a outros é negado a terra para sobreviver e garantir o sustento de outros brasileiros [...]

Apesar dos esforços de muitos educadores em prol de uma educação no campo de qualidade, ela ainda está aquém do que deveria ser a educação em nosso país, ainda é privilégio de poucos, ela está voltada para uma classe elitizada que é a minoria e quando se faz uma comparação entre educação no campo e urbana, muita coisa deixa a desejar.

2.2 Um movimento educativo

Em um país onde existe má distribuição de rendas não seria diferente com as terras aqui existentes, todos os dias são feitas lutas através do Movimento dos Sem Terra (MST), a fim de melhorar a má distribuição de terras, através de assentamentos onde surge uma nova comunidade e um novo olhar é lançado para o homem do campo.

Essas comunidades formadas nos assentamentos são comunidades cheias de necessidades, dentre essas necessidades a educação tem sido marco primordial para o desenvolvimento das ideias do Movimento Social, ultrapassando “a fase “rural”, da educação escolar “no” campo e passa a ser “do” campo. (ARROYO, 1999, p. 10). Através dos movimentos sociais a escola do campo vem se erguendo e tentando apagar a ideia de que o homem do campo é atrasado e dependente dos meios urbanos para que possa adquirir uma identidade ou tornar-se moderno, Arroyo nos ressalta dizendo que “a política vigente inferioriza o campo, vê o camponês como atrasado, não moderno e dependente do urbano (1999, p. 10).

É necessário abrirmos um parágrafo para podermos fazer um breve relato desse movimento, que ao mesmo tempo em que reivindicam por terras também matam um caráter pedagógico. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ou como mais conhecido os O Movimento dos Sem terra, surgiu através das lutas constantes por terras, que foram retomadas na década de 70, em especial na região centro-sul do país, e gradativamente expandiu-se por todo o Brasil.

O Movimento dos Sem Terra teve sua gestão no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que realizou-se de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. O MST tem como objetivo lutar pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa (CALDART, 2001 p.19).

Hoje o MST tem aproximadamente 250 mil famílias assentadas e de 70 mil famílias acampadas no Brasil, o MST através de suas lutas e conquistas, se destaca também pelo seu teor pedagógico levando educação e cultura pra os assentamentos.

O MST também registra e, sai história. E com especial orgulho, as 100 mil crianças e adolescente que estão estudando em escolas conquistadas em suas áreas de assentamento e acampamento, as cirandas infantis, que aos poucos vão produzindo a cultura da educação infantil no campo; um movimento massivo de alfabetização de jovens e adultos sem-terra. (CALDART, 2001, p. 32).

O MST tem chamado a atenção da sociedade por apresentar determinadas características que o distinguem em sua história de movimento social de trabalhadores do campo (CALDART, 2000). Caldart nos aponta quatros dessas características que são:

- Radicalidade do sujeito de fazer a luta e os sujeitos que ela envolve. Para o MST seu principal objetivo é lutar por terra usando a cooperação dos sem terras para que esta luta aconteça.
- A multiplicidade de dimensões em que atua. Por ter como objetivo a luta por ocupação de terra o MST abre outras vertentes de lutas sociais que se intercalam através de seu movimento, são elas: a luta por uma saúde de qualidade, educação e cultura aos direitos humanos, etc.
- A combinação de formatos organizativos diversos. O MST construiu ao longo da sua trajetória um movimento flexível capaz de integrar a “versatilidade de um movimento social, no qual entra todo mundo o tempo todo, com um xadrez de relações sociais e organizacionais”, nesse aspecto a luta é todos e para todos.
- A capacidade que vem construindo de universalizar. Através de um grupo social o movimento tornou-se de interesses iguais para todos em qualquer lugar, através dessa capacidade de universalizar seus objetivos que o MST tenta também educar-se para “assumir bandeiras de lutas cada vez mais amplas” (CALDART, 2000, p.33).

São essas características que fazem do Movimento dos Sem Terra, um movimento de luta igualitária, que projeta um futuro onde educação e cultura se

fazem presente, não é por acaso que esse movimento luta também em prol de uma educação de qualidade, tentando projetar uma educação não elitizada, embora estudos apontem que ainda sim exista nos assentamentos um certo tipo de hierarquia, mesmo que o movimento tente se afastar pedagogicamente dessa vertente, Rocha (2014, p.1) nos reforça dizendo que:

De forma geral, a educação nos assentamentos do MST não reproduz a cultura dominante, mas aponta uma certa tendência para isso, principalmente no que diz respeito às estruturas das relações de força. As estruturas de classe permanecem as mesmas, de forma que a utilização do sistema de ensino dominante assegura seu monopólio.

No entanto, é possível afirmar que o MST investe em educação. Com mais de 20 anos atuando em favor do homem do campo, o MST investe incessantemente na alfabetização e na formação educacional de jovens e adultos, o movimento prioriza a educação Rocha (2014, p.2) nos diz:

O movimento sempre coloca a educação entre suas prioridades, com projetos de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, passando pelos cursos técnico-profissionalizantes e chegando à universidade, além de constantes cursos de formação para militância.

É bom esclarecermos que essa educação do campo tem também como objetivo recolocar o homem do campo no eixo político educacional, tentando fazermos refletir sobre seu trabalho no campo, sobre a importância do trabalhador rural, Rocha (2014, p.2) acrescenta dizendo que “essa é uma tentativa de incluir nesta nova denominação reflexões sobre o sentido do trabalho camponês, desmistificando-o”. Através dessas reflexões faz necessário entendermos que o camponês não é um mero instrumento de produção, podendo ele mudar a realidade em que vive através do seu trabalho.

2.3 A Escola do campo

A escola é o lugar onde se promove a educação, embora ela possa acontecer em outros lugares, à escola ainda é um ponto de referência quando falamos em

educar, e para as pessoas do campo esse pensamento não é diferente, porque educação é e deve ser prioridade em qualquer lugar.

Quando falamos em escola do campo se faz necessário fazermos uma distinção entre os termos “campo” e “rural”. A concepção rural articula-se a uma perspectiva de pessoas que necessitam de um apoio financeiro, nos retoma a pensar em um povo que vive em um lugar atrasado sem estruturas básicas para o desenvolvimento cultural e social de sua comunidade.

Já a concepção de campo tem uma visão vinculada as lutas dos movimentos sociais, o campo é concebido como um lugar de constante movimento, um lugar de lutas e conquistas, aqui os seus componentes já não é mais visto como pessoas que não sabem de nada, são vistas como pessoas que possui argumentos críticos e integrante para o pleno desenvolvimento da sociedade seja ela rural ou urbana.

Podemos notar que a concepção de campo transcende uma definição jurídica, “a perspectiva da educação do campo se articula a um projeto político econômico de desenvolvimento local e sustentável, a partir da perspectiva dos interesses dos povos que nele vivem” (DERETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2006 p. 24).

Entender essa distinção entre “rural” e “campo” é fundamental para que se possa entender como deve ser um modelo de educação escolar para o campo, pois assim ele é visto como um lugar em movimento, que produz economicamente e socialmente, segundo Henriques (2007, p.13), existe uma mudança necessária para o rompimento desse paradigma, que “se dá não só pela análise crítica da escola rural como também das propostas desenvolvimentistas para o campo, em geral centradas no agronegócio e na exploração indiscriminada dos recursos naturais”.

Já foi dito que o campo passou por várias mudanças, e a conquista por uma escola no campo constitui uma dessas mudanças, possuir uma escola em assentamentos é um avanço diante da precariedade do ensino brasileiro. Mas, como deveria ser uma escola do campo? Seguir o mesmo modelo da escola da cidade já não é mais aceitável para os alunos do campo, embora essa percepção ainda seja recente de que a escola do campo deve ser diferente da escola da cidade, esse conceito “extrapola a noção de espaço geográfico e compreende as necessidades culturais, os direitos sociais e a formação integral desses indivíduos” (HENRIQUES, 2007 p.9).

Entendemos que uma escola no campo deve atender aos anseios da comunidade que a constitui, porque até onde sabemos, a escola do campo ainda é marginalizada, por que segundo Arroyo (1999, p.52), “a política de educação que está sendo implantada no Brasil, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ignora a necessidade da existência de um projeto para a escola rural”.

Ferreira e Brandão (2014, p.5) acrescenta dizendo:

[...] a educação oferecida nas escolas públicas desses municípios – independente de onde estejam os prédios – é, na sua maioria, uma educação elitista – independente de onde estejam os prédios – é, na sua maioria, uma educação elitista que não atende as necessidades dos homens, mulheres e jovens que vivem e trabalham no campo.

Baptista (2003, p. 21) acrescenta dizendo que:

Foi e é uma educação que se limita à transmissão de conhecimento já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade. Não se faz relação com a vida dos alunos e de sua família, com o trabalho agrícola nem com o meio ambiente em que a escola está inserida.

Para o campo não é necessário apenas prédios e salas cheias de alunos e um professor, é necessário um projeto que possa alcançar e entender a necessidades dos alunos do campo, que possa preparar o professor para construir a identidade do homem do campo, uma escola onde despensa modelos ultrapassado que já não cabe na concepção camponesa, Arroyo (1999, p.53) defende que, “é a construção da escola que queremos. Não é de nosso interesse a cópia de modelos, importados, de escolas que não contribuem para a compreensão de nossas realidades. Precisamos construir à sua realidade”.

A escola do campo deve suprir as necessidades do homem do campo, alcançando objetivos de moldar e contribuir para sua vida, não uma escola de faz de conta, pois o campo há tempos estar deixando de lado a imagem arcaica e dependente do homem da cidade, e para que essa educação seja promovida é necessário.

Cultivar a idéia de que a educação do campo tem sentido superior quando pensada em sua relação com a questão agrária, que há muito inquieta os trabalhadores de todos os cantos, sobretudo aqueles que têm a sua condição fundamental de cidadania.

(DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2006 p.51).

Historicamente o Brasil é um país de características agrário, mas a sua educação em nada combina com o homem do campo, ainda se exclui as necessidades dos alunos do campo, sua necessidades ainda não atraí os interesses dos governantes (BAPTISTA, 2003 p. 20).

Nessa perspectiva a educação não vista como direito de todos como defenda a nossa Constituição, ela é vista como direito de uma classe que forma a minoria, e mais uma vez a escola do campo não aparece nessa minoria elitista.

3. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO CAMPO

3.1 O significado da palavra professor

Não é fácil entendermos a educação em tempos atuais, os avanços da tecnologia e as informações que nos chega em tempo real, torna essa tarefa um tanto complexa, porque antes do homem se modernizar, o educador era visto como intercessor entre a educação escolar e o aluno. Porém, hoje o educador é visto como um aprendiz, uma vez que: “ensinar é aprender. Ensinar não é transmitir conhecimento” (BOECHAT, 2011, p.1). Por isso temos uma grande necessidade de entendermos a educação diante de novos paradigmas, uma vez que o professor já não é mais visto apenas como detentor do saber, mas também como um ser em formação, um ser inacabado, que precisa renovar-se constantemente.

No entanto, faz-se necessário questionarmos alguns conceitos e valores da educação dentre eles, o que é ser um professor, e qual o seu significado dessa palavra? Induzido por essas perguntas que é tão complexa em nossos dias, buscamos literaturas especializadas e encontramos várias respostas, vista sobre diferentes perspectivas.

Porém Freire (1996, p.23), nos realça como deve entender e ser a postura de um professor dizendo que: “Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho”.

Já Kanski (2001 p.99) nos dá outra visão tendo como base a formação do professor na sociedade moderna:

O professor, como agente da memória – em um mundo que “pensa para frente”, sempre em busca do mais novo, o mais veloz, o mais avançado- funciona também como a pessoa que leva as novas gerações a recuperar o passado, a discutir suas origens, histórias, sua memória social, a identificar avanços e recuos nas ciências, nos saberes e no processo civilizatório, a aprender com o passado e a respeitá-lo.

Kenski nos surpreende com essa visão, pois como podemos observar, ele nos oferece uma definição ampla e condizente com os tempos atuais, nos revelando o que na verdade pode ser um professor. Para Bueno (2011 p.4) “ser professor é abrir-se ao outro, às relações. Ser professor é ter uma disposição, uma disponibilidade para ser atravessado pelo mundo. É deixar de ser e ser um outro a todo instante”. Ferreira (2001, p. 3), por sua vez, afirma que “O ato de educar, a ação educativa, transcende às ações dos professores e extrapola os limites físicos da sala de aula”. Ou seja, ser professor não é educar apenas dentro de uma escola, nem apenas estar em uma sala de aula, mas construir conhecimento em qualquer lugar, aproveitando as oportunidades de aprendizagem.

A definição do que é ser um professor é uma tarefa difícil, pois essa pergunta deve ser lançada para vários sujeitos, que desempenhe diferentes tarefas no contexto educacional, porque ser professor nos dias atuais requer dos mesmos várias competências. Imbernóm (2003, p.30), nos faz uma observação importante dizendo que:

A profissão docente comporta um conhecimento pedagógico específico, um compromisso ético e moral e a necessidade de dividir a responsabilidade com outros agentes sociais, já que exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnica de “especialistas infalíveis” que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos.

A profissão docente hoje em dia, requer do mesmo um perfil de identidade que não seja imutável, pois o mundo mudou, ou melhor, o mundo muda a todo instante e é necessário que o professor possa acompanhar essas mudanças, que ele seja aberto a enfrentar desafios que são próprios da docência. O perfil do educador deve se caracterizar através de vários processos da construção do sujeito, o que por sua vez tem haver com o que surge da necessidade da sociedade em que ele estar inserido, para que assim ele possa entender os sujeitos que com ele trarão um novo olhar o moldando para novos desafios.

Para compreender o que é ser um professor faz-se necessário que ele mesmo possa fazer uma reflexão no seu papel diante da sociedade, e entender que sua tarefa articula-se também as necessidades dos outros, devemos compreender também que já não é mais aceitável que o professor seja um modelo que possa se encaixar em qualquer lugar a qualquer hora, uma vez que a educação não é

compreendida dessa maneira, pois bem, deve o professor ser diferente e flexível, o seu saber deve estar em constante renovação.

O ato de educar não acontece apenas através de uma pessoa, ou seja, o professor, mas acontece através de uma interação entre o professor e o aluno, através de uma forma sistematizada, por isso que é necessário que se entenda o que é ser um professor, embora a resposta seja inúmeras, por que sabemos que a sua totalidade nunca caberá em uma definição.

3.2 O professor do campo

A educação do campo a poucos vem se tornando tema entre os educadores, isso se dá pelo fato de que, o professor já a enxerga com um novo olhar, pois para ele já não mais aceitável conceber essa educação como apenas um escolinha que ocupa alunos. A educação no campo, hoje conta com o artigo 28 da LDB (Lei nº 9.394/96), que lhes dá respaldo, e exige que a educação do campo fosse diferenciada, embora ainda tenhamos que percorrer vários percursos para que isso seja realidade, podemos dizer que atrair os olhares dos profissionais que compõe a educação, já um avanço, isso significa que a educação do campo passa a existir de fato.

É importante ressaltar que esses avanços da educação do campo no Brasil se dão pelo fato de que os educadores estão se mobilizando e entendendo que o campo precisa de uma escola ativa e diferente, Arroyo e Fernandes (1999, p.15), nos diz que:

Os educadores estão entendendo que estamos em um tempo propício, oportuno, histórico para repensar radicalmente a educação porque o campo no Brasil está passando por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos extremamente dinâmicos.

A educação do campo exige muitas coisas para que a mesma possa ter qualidade, dentre elas professores preparados e capacitado, para desempenhar seu papel, o que significa é que não é apenas de professore titulados que a escola do campo precisa, mas de professores experientes e que possa realmente dedicar-se ao campo e se propor a entender a cultura e necessidades de cada sujeito que

compõe e precisa da escola, Arroyo e Fernandes (1999, p.33) nos orienta em relação a importância que damos aos títulos dizendo:

Por favor, não usem os mesmos critérios que se usam nas cidades e que deveríamos superar, como por exemplo, catalogar os professores por titulação. Cuidado! Temos uma tradição tão escolarizada que vemos as pessoas pela escola que fizeram, até onde que elas chegaram na sua escolarização. A carreira do Magistério está dependendo da titulação.

No entanto, os autores discutem sobre o saber do professor do campo e mais uma vez nos mostra que esse saber não depende apenas de uma titulação, são muitos os educadores que possui uma carga de conhecimento sobre como ensinar para os alunos do campo independente de sua formação.

O movimento social tem mostrado o saber acumulado na prática por lideranças comunitárias, sindicais, do movimento, entretanto esse saber não é reconhecido pela sociedade que só reconhece a titulação oficial. Isso está dentro do professorado. (1999, p.33).

Mas, que tipo de professores é entregue as escolas do campo, não defendemos que o professor que vai trabalhar em uma escola no campo seja composto apenas de anos de experiência, nem que ele tenha apenas um diploma que possa provar sua formação; defendemos uma educação para o campo de qualidade, isso significa que precisamos de professores com qualidades, é sabido que a maioria dos professores que lecionam nas escolas do campo, estão ali contra sua vontade, por inúmeros problemas, dentre eles perseguição política, também é sabido que a escola do campo é esquecida, embora os próprios educadores ultimamente venham se mobilizando para que isso seja mudado, no entanto e certo afirmar que os professores que li se encontram foge da realidade proposta para a educação do campo.

Dados do Censo Escola de 2010, aponta que as escolas do campo, ainda mantém um nível de precariedade dos docentes, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental e no ensino médio, o que segundo a LBD, apenas professores com diploma de licenciatura podem dar aulas nessa fase, porém metade dos que atuam no campo não são graduados.

Levantamento feito pela organização Todos pela Educação aponta que 91.380 professores que atuam nessa fase sequer cursaram uma graduação. Outros 3.993 têm diploma, mas não de licenciatura, como recomendado pela lei. Juntos, eles representam 49,9% do total de educadores que lecionam nas turmas finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Esses dados são desanimadores, pois não podemos receber professores que faz de conta que ensina, porque segundo Rocha (2010, p.41) “as necessidades presentes na escola do campo exige um profissional com uma formação mais ampliada, já que ele tem que dá conta de uma série de dimensões educativas presentes nessa realidade”.

Para tanto as Diretrizes Operacionais ressalta que todos os cursos para os educadores do campo devem ter conteúdos que contribuam para que o professor possa atuar diante da realidade que lhes é exposta no campo.

Não se pode construir uma educação do campo, sem se conhecer o campo e sua sociedade é imprescindível para o professor que possa conhecer a sociedade onde vai atuar ele deve interagir os conhecimentos adquiridos na universidade com os adquiridos na sociedade, cabe aos cursos de licenciatura preparar o educador para ter essa capacidade de intervir de maneira global na formação dos sujeitos que vão participar como pessoas capazes de absorver o que o professor quer passar para eles, ou seja, os alunos, Freire (2002, p.18) nos diz que:

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-critica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora [...] assumam-se como ser social e histórico, como ser pensante, transformador, criador, realizador de sonhos.

É notável que o professor do campo não deva ser intitulado ou apenas possuído de uma vasta experiência adquirida apenas com o tempo, é necessário que ele seja o “meio termo”, porque o campo precisa de professores capazes de fazer os seus alunos refletirem sobre a importância que o seu espaço geográfico tem na sociedade, porque o homem do campo também precisa de saber ler e escrever, saber refletir e tirar conclusões em relação ao seu estado, a sua cultura e a sua posição atuante e importante na sociedade, como sabemos isso não é feito de

qualquer forma ou com qualquer pessoa, isso apenas será possível com profissionais altamente capacitado e que entendam o seu papel como ser formado.

3.3 O aluno da educação do campo

Ao pensarmos na educação do campo no Brasil com toda a sua diversidade, é necessário voltarmos ao passado histórico e entendermos como se instituiu a educação no campo, é necessário questionarmos que educação estar sendo oferecido aos alunos do campo, o que é entendido como educação do campo.

Em qualquer escola existem problemas a serem enfrentados como: evasão escolar, baixa escolarização, alto índice de repetência, etc. Porém no meio rural esses problemas são maiores, Leite (2002) destaca:

- O alto índice de analfabetismo, principalmente na faixa etária de acima de 25 anos.
- A má qualificação e remuneração de seus professores.
- O alto índice de exclusão e repetência.
- A municipalização das escolas fundamentais, que corresponde a mais da metade das matrículas nas séries iniciais das escolas rurais.

Isto acontece por inúmeros fatores, dentre eles a falta de estrutura das escolas para que possa atender os alunos do campo, pois esses alunos devem ser entendidos como pessoas que pertence a terra em que trabalham e produzem, Santos (2011, p.11) afirma que:

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rotos, lembranças, gêneros, raças e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença à terra e nas formas de organização solidária.

Não se pode mais pensar no aluno do campo como um pessoas que apenas precisa aprender a ler, a escola deve ter um olhar flexível para esse tipo de alunado, não o comparando com o aluno que mora na cidade, pois a rotina do aluno do campo é diferente, a escola do campo precisa preparar-se para receber e permanecer esses alunos, mais uma vez Santos (2011, p.11) nos respalda,

afirmando que os currículos precisam adaptar-se a cultura dos alunos do campo, dizendo que:

Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo precisa incorporar essa diversidade, assim, como precisa tratar dos antagonismos que envolvem os modelos de agricultura, especialmente no que se refere ao patenteamento das matrizes tecnológicas e à produção de sementes.

Para que haja a acessibilidade desses alunos é preciso que a escola inove seus métodos de aula, não é obrigação do professor apenas dá aulas dentro de quatro paredes.

A educação dos alunos do campo, não é construída apenas em sala de aula, a educação desses alunos é construída primeiramente dentro de casa com seus pais, nas lavouras, com a terra e as sementes, o aluno do campo ao adentrar os portões de uma escola, já traz consigo um conhecimento que não deve ser amputado ou rejeitado pelos professores, Santos (2011, p.11) nos amplia essa ideia dizendo que:

Este, por sua vez precisa considerar os saberes acumulados pelas experiências de vida dos educandos e construir-se instrumento de observação da necessidade a partir dos quais estes saberes precisam ser ampliados. Não apenas os saberes, mas a própria dinâmica da realidade onde está enraizado este processo, do contrário torna-se inválido o princípio determinante da escola vinculado a realidade dos sujeitos.

É direito dos alunos do campo ter uma escola que atenda as suas necessidades, que compreenda que ele também possui uma cultura que transmite conhecimentos que vai além do que tem nos livros didáticos, é sempre bom lembrar que esses alunos aprendem através da transmissão de conhecimentos a escola não deve pautar-se apenas a transmitir conhecimentos mecanizados, que lhes é entregue através de pessoas que pouco conhece da vida rural.

O ensino do campo deve ser repensado, deve ter coerência com a vida rural, deve trazer para dentro das salas de aulas o novo campo e as sua tradições que permaneceram do passado, levando o aluno a conhecer o seu espaço e questionar-se sobre o seu futuro.

O aluno do campo não é apenas um mero expectador de uma escola que tende a ensinar através de modelos, o aluno do campo também é transmissor, embora muitas escolas ainda possuam poucos alunos em sala, esses alunos merecem uma educação de qualidade, pois eles compreendem que fazem parte de uma comunidade que necessita deles e é nessa comunidade rural que eles devem permanecer, pois o campo é lugar de vida e merece que nele habite pessoas capazes de lutar e assumir o seu papel diferenciador em uma sociedade que tende a imitar modelos.

4 ANÁLISE DA PESQUISA

A nossa pesquisa aconteceu na cidade de Cutegi-Pb, a escolha da cidade se deu primeiro por ser mais acessível quanto à exploração de dados e por ser uma cidade que possui uma quantidade significativa de escolas situadas em zona rural que são de SS segundo dados da Secretaria de Educação do Município.

O nosso trabalho é de caráter descritivo e exploratório que tem como finalidade conhecer melhor os problemas que cerca uma escola do campo e seus componentes.

Para podermos fazer as coletas de dados foi necessário utilizarmos uma pesquisa com tratamento qualitativo, pois com esse recurso, ou seja, da pesquisa qualitativa, podemos utilizar e comparar os dados com mais precisão através de respostas diretas, o qual no dá maior flexibilidade para podermos relatar e conhecer com mais profundidade como se dá o processo de ensino- aprendizagem nas escolas do campo, de acordo com González –Rey (1998, p.42) se referindo a pesquisa qualitativa afirma que:

A investigação qualitativa que defendemos substitui a resposta pela construção, a verificação pela elaboração e a neutralidade pela participação. O investigador entra no campo com o que lhe interessa investigar, no qual não supõe o encerramento no desenho metodológico de somente aquelas informações diretamente relacionadas com o problema explícito a priori no projeto, pois a investigação implica a emergência do novo nas ideias do investigador, processo em que o marco teórico e a realidade se integram e se contradizem de formas diversas no curso da produção teórica.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram visitadas seis escolas as quais todas estão situadas em zona rural, aqui citamos o nome da mesma em ordem cronológica: Escola Municipal Geraldo Leite de Moraes, situada no sítio Malhada, tem com diretora a senhora Robéria do Nascimento, a escola possui, 65 alunos e 7 funcionários, conta com uma estrutura regular para receber os alunos; a Escola Municipal Antônio Gomes está situada no sítio Chã da Boa Esperança, tem como diretora a senhora Yara Pereira e Silva, possui 10 alunos e 3 funcionários, a mesma apesar de pequena possui uma boa estrutura; a escola Municipal Emílio Madruga

estar localizada no conjunto Roberto Paulino, possui 56 alunos e 4 funcionários, a mesma também conta com uma boa estrutura; Escola Municipal Carolina de Farias Pimentel, tem como diretor Josemar Barbosa Lira, possui 50 alunos e 5 funcionários; Escola Municipal Maria Gomes da Silva, estar localizada no sítio Gameleira, tem como diretora a senhora Ivonete do Nascimento Silva, possui 12 alunos e 2 funcionários; Escola Municipal Emídio Pedro dos Santos, localizado no sítio Sapucaia, tem como diretor Josemar Barbosa Lira, possui 54 alunos e 2 funcionários. As escolas aqui apresentadas possui uma boa estrutura física, com boa ventilação e iluminação, alguns embora pequena são aconchegantes e bem cuidadas.

Quando nos referimos a uma boa estrutura, estamos relacionando aos prédios que estão em boa formação, No entanto, é bom lembrarmos que as escolas no campo pesquisadas em nada se parecem com uma escola do campo, pois todas não possui se quer uma horta onde possa ensinar aos alunos o manejo com a terra, também ficam a desejar quando se trata de recursos como computadores, segundo as gestões das escolas, a falta de computador se dá pelo fato de que sempre a escola é invadida e levado os materiais, principalmente os computadores.

Para realizarmos essa pesquisa foi necessário conhecermos quantas escolas na zona rural possui o município, para podermos colher essa informação, nos apresentamos a Secretária de Educação, e logo obtemos o resultado que foi de 17 escolas, através desses dados pudemos selecionar as seis escolas que seriam nosso objeto de estudo. Logo em seguida, nos apresentamos nas escolas e aos professores que seriam entregue o questionário, a cada escola escolhemos um professor para responder, a escolha desse método se deu pelo fato de algumas escolas não possuírem muitos professores e para que não se prolongasse o desenvolvimento do trabalho, visto que corríamos contra o tempo, pois tivemos que lidar com as férias, feriados e paralisação das escolas.

Para responder o questionário escolhemos seis professores que gentilmente concordaram em responder, inicialmente explicamos o motivo da pesquisa e logo entregamos o questionário, para melhor familiarizarmos com os professores procuramos conversar a cerca da escola de uma maneira informal e descontraída, o que nos permitiu entendermos melhor como se organiza as escolas para atender aos alunos, o que em nada nos surpreendeu, porque segundo os professores as escolas seguem o mesmo modelo das escolas da cidade, o que para alguns professores isso já deveria ser um passado muito distante das escolas do campo,

para preservar a identidade dos professores iremos nos referir a eles como: A; B; C; D; E; F.

O nosso questionário foi elaborado com seis questões com respostas diretas, pedimos aos professores que respondessem com calma, demos para eles uma semana para nos entregar, escolhemos essa maneira, pois assim eles poderiam fazer uma melhor análise do questionário e da resposta que seriam dadas. A primeira pergunta foi a seguinte: Qual a sua formação? Dos seis entrevistados apenas dois possuem ensino superior e quatro dos professores têm especialização divididos em Psicopedagogia e Supervisão e Orientação Educacional, o que para nós é um resultado satisfatório, pois os professores do campo, já estão deixando aquela velha imagem de que os professores do campo são sem formação, embora os professores aqui citados não possuam uma formação específica para atuarem no campo, estão se especializando para tentarem mudar a realidade da escola rural.

A nossa segunda pergunta se referia a participação de alguma formação específica para a educação no campo, dos seis professores apenas dois responderam que não, os outros quatro participaram de pequenos cursos com carga horária de vinte e quatro a cento e vinte horas. Suas respostas nos chamaram a atenção, pois compreendemos que os cursos de formação continuada devem atingir a todos em prol de uma educação de qualidade e em prol de professores capacitados e possam construir uma educação propriamente dita do campo, para Kolling, (2002. P. 25):

Construir a educação do campo significa formar educadores e educadoras do e desde o povo que vive no campo como sujeitos destas políticas públicas que estamos ajudando a construir e também do projeto educativo que já nos identifica.

A terceira pergunta do nosso questionário, estava relacionada a como os professores compreendiam a educação do campo, uma vez que eles são participantes ativos dessa construção da educação rural, o professor "A" se referindo a questão respondeu que compreende a educação do campo:

Como um projeto atrelado ao desenvolvimento sustentável da comunidade local ao global. Ainda como um espaço de valorização dos saberes e da preservação do campo contribuindo para a sobrevivência no campo das gerações atuais e futuras. Porém é preciso aproveitar ainda mais esses saberes como conteúdos.

Observamos que a resposta do professor “A” nos retoma a idéia de que a educação do campo deve ser principalmente para o povo do campo, o que vai de encontro com a idéia de Kolling (2002, p.19) que diz:

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais...

A quarta pergunta se referia sobre uma educação diferenciada para o aluno do campo, dos seis apenas dois responderam não e quatro responderam sim que deveria haver uma diferenciação uma vez que os alunos do vivenciam uma realidade diferente do aluno da cidade, como podemos observar na resposta do professor “C”:

Porque os educandos do campo merecem uma formação voltada para a sua realidade, dessa forma seria ideal que existissem professores formados exclusivamente para atuarem na educação do campo, outro ponto importante é a organização curricular voltada para esse público.

Já os professores que responderam que não deve existir diferença defendem que os alunos devem ser educados para qualquer situação, seja ela no campo ou na cidade, entendendo que uma educação diferenciada faria com que o aluno atingisse apenas um objetivo que é o de atender as necessidades do campo, como podemos observar no depoimento do professor “D”.

Não. Porque formamos nossos educandos para vida futura, a busca pelo mercado de trabalho sendo necessário o convívio com pessoas de outro ambiente, já que a educação não algo restrito a só um local.

A quinta pergunta se referia ao processo de ensino-aprendizagem na escola, questionamos aos professores como ocorre esse processo, porque para nós é importante sabermos como acontece a educação do campo, ao lançarmos essa pergunta, nos questionamos se haveria algumas diferenças entre a educação do campo e a educação da cidade por mínima que fosse e como já imaginava em nada

se difere da educação da cidade. Em apenas uma resposta podemos ver que a escola realmente agrega os saberes adquiridos pelos alunos no campo com a prática pedagógica, como diz o professor “F”.

Através de metodologias voltadas para a aproximação família – escola aproveitando onde a escola está inserida para a democratização do acesso aos saberes da terra no seu processo de aprendizagem. Saberes do campo são referências para o planejamento de práticas de ensino, que viabiliza a aquisição de novas aprendizagens de forma participativa.

A sexta pergunta estava relacionada ao por que desses professores trabalhariam nas escolas do campo, apenas dois professores tiveram a oportunidade de escolherem o campo como lugar de trabalho através de concurso, os outros foram designados pela secretária de educação.

A sétima pergunta se referia aos recursos da escola para a prática pedagógica, se são ou não suficientes para que ela aconteça de forma desejável para os professores e alunos, apenas dois professores responderam que sim, que havia recursos suficientes para o bom desenvolvimento das aulas, e quatro dos educadores responderam que não, pois ainda falta o mínimo como televisão, um aparelho de som e um bom laboratório de informática, lembrando que em todas as escolas pesquisadas não havia laboratório de informática, o que nos instigou a questionarmos se realmente haveria recursos suficientes nas escolas, mesmo aquela que os professores responderam de forma positiva.

A oitava pergunta se referia se os professores fariam alguma mudança na escola em que trabalham e apenas um disse que não, os outros cinco responderam que sim, como podemos observar na resposta do professor “E”.

Mudaria a estrutura física, não colocaria na mesma sala alunos da educação infantil e alunos do ensino fundamental, porque é desgastante lecionar multi- seriado com turmas que vão do pré ao 5º ano. Também inserir nas escolas os recursos que citei na questão sete.

A última pergunta estava relacionada a algum projeto que estivesse relacionado com os professores para eles trabalharem no campo, dos seis entrevistados três responderam que não e três responderam que sim, no entanto desses três que responderam positivamente, uma das escolas o projeto ainda não

chegou a escola, em outra escola o projeto estar em processo de adesão pela secretária de educação, em resumo da análise da última pergunta, pudemos entender que não existe nenhum projeto viável para essas escolas.

Através de nossa pesquisa em *locus* pudemos entender como ocorre a educação no campo, e o que nos deixou surpresos foi que ela ainda precisa passar por muitas mudanças, que seus professores necessitam de uma capacitação que os direcione para a escola do campo, embora muitos olhares estejam voltados para ela, ainda sim existe uma grande necessidade de uma ação interventiva, de poderes políticos que entendam quão importante é para o aluno da zona rural estudar e entender o seu papel na sociedade, para nós educar no campo não significar educar pessoas afastadas da cidade, para nós significa trazer para dentro das salas de aulas um saber necessário, porém esquecido que são os valores do camponês, sua cultura e todo o seu entendimento sobre a terra e o que ela produz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a educação do campo precisa de um olhar mais dinâmico sobre a sua problemática que é a sua falta de qualidade, o que vem tornando o campo e os seus sujeitos de certa forma pessoas marginalizadas, a escola do campo passou por algumas transformações, até ganhou respaldo na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), no entanto em relação a sua qualidade em quase nada mudou.

A escola do campo precisa de uma boa estrutura para acolher seus alunos, pois eles devem se reconhecer como sujeitos que tem um papel importante na sociedade, seus educadores ainda não podem sozinhos transformar o ambiente e garantir recursos para que isto aconteça, caracterizando assim como urgente as mudanças para as escolas do campo.

São inúmeros seus problemas como: falta de recursos, evasão escolar, repetência, má formação de seus professores, etc. Este problemas são mais grave na escola rural, pois existe a ausência de políticas públicas que faça realmente acontecer o que diz a lei, pois segundo ela é garantido de que a educação do campo deva estar de acordo com suas características regionais, culturais e locais conforme a sociedade que estar inserido.

Podemos ver que a realidade da escola do campo em nada se parece com o que diz a lei, e, isso se deu através das pesquisas e observações feitas, o que nos permiti dizer que a escola do campo precisa ser renovada, precisa melhorar desde a estrutura a formação continuada de seus professores e jamais adaptar os métodos de ensino da cidade para o campo, pois essa é uma prática que já não é mais aceitável para os alunos.

Diante de tudo o que foi exposto sobre a problemática da educação do campo é necessário procurar mudanças que possam interagir com os conhecimentos que o aluno do campo traz consigo, não é aceitável uma escola no campo que não trabalhe com o campo.

6. REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social no Campo (Por uma Educação do Campo)**. Brasília, 1999.
- BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Educação Rural: das experiências à política pública**. Brasília: NEAD, 2003.
- BOECHAT, Ivone. **Ensinar é aprender**. [www.anj.org.br/ jornal educação](http://www.anj.org.br/jornal_educacao). Acessado em 06/12/2013 as 10h36minh
- CALDART, Roseli S. **Trabalho e Exclusão Social na América Latina, senão sobre educação, trabalhos e lutas sociais**. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, vozes, 2000
- FERREIRA, Rodolfo. **As expectativas de Professores e Licenciandos sobre carreira e remuneração e a Prática de valorização do trabalho**. FAPE: RJ. Rio de Janeiro, 2001.
- IMBERNÒN, Francisco. **Formação Docente e Profissional**. Formar-se para a mudança e a incerteza. 9ºed. Cortez editora. São Paulo, 2011.
- SANTOS, Ellem Vieira (org.). **Educação do campo: Rompendo Cercas Construindo caminhos**. 2ºEd. FETAEMG. Minas Gerais, 2011.
- FERREIRA, Fabiano de Jesus. BRANDÃO, Elias Canuto. **Educação do campo: Um Olhar Histórico Uma realidade Concreta**. Revista Eletrônica de educação. Ano V. nº09, 2014.
- FREIRE. Paulo. In: Revista Paulo Freire: **um educador do povo**. Roseli Salette Caldart & Edgar Jorge Kolling (Orgs). 3 ed. São Paulo/SP: Ed ANCA, 2002.
- LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2002
- KENSKI, Vani Moreira. **Nova Lógica do Ensino na Sociedade da Informação**. WWW.letras.com.br. Acessado em 07/03/2011 as 16h19minh
- KOLLING, Edgar Jorge. CERIOLI, Paulo Ricardo, osfs. CALDART, Roseli Salette. Orgs. **A Educação Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, 2002.
- PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas sociais brasileiras**. Rio de Janeiro. Vozes, 2009

ANEXO

Escola Municipal Geraldo Leite de Moraes



Escola Municipal Emídio Madruga



Universidade Estadual da Paraíba/ Campus III
Departamento de Geografia
Curso de Especialização em: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares

1 como você compreende a educação no campo?

2 como educador, você acha que deveria ter uma educação diferenciada da educação da cidade para os alunos da zona rural, porque?

3 como se dá o processo de ensino-aprendizagem na sua escola?

4 qual a sua formação (especialização, mestrado, doutorado)?

5 Por que você trabalha nessa escola?

6 Sobre os recursos você acredita serem suficientes para o bom desenvolvimento das aulas?

7 Você como educador, mudaria alguma coisa em sua escola, para que a mesma possa alcançar seus objetivos na formação dos alunos e dos professores.

8 Existe algum projeto que seja direcionado aos professores para desenvolverem os trabalhos pedagógicos com os alunos do campo?